

Euforia entre exportadores

A nova banda cambial desvalorizada em 8,8% soou como uma música para as empresas exportadoras. Do outro lado da moeda, quem tem dívidas em dólar vai sentir no caixa os efeitos da desvalorização do real. Empresas como a Vale, a Caemi, a CST, a Usiminas e a Gerdau são algumas das que saíram ganhando.

“As empresas que exportam muito, obviamente, saem ganhando. As teles também pois, praticamente, não têm dívida em dólar”, diz Roque Sut, administrador dos fundos da Marka Nikko.

Um grande banco que calcula a valorização do real frente às moedas dos 26 principais países que mais comercializam com o Brasil também aposta nas exportadoras. Até dezembro, a sobrevalorização do real estava em 5,5%. Já a Petrobras não tem muito o que festejar. Especialistas do mercado calculam que sua dívida cresceu em R\$ 810 milhões. As elétricas também estão fazendo as contas das perdas com a moeda. A perda da Cesp ficou em cerca de R\$ 450 milhões.

O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, afirmou que o setor exportador recebeu muito bem as alterações na política cambial, mas ressaltou que elas não resolvem nada a longo prazo. “Sem o ajuste fiscal não há estabilidade”, argumentou. Pratini lembrou que, para o governo acabar com as especulações sobre a situação do país e ataques especulativos ao real, precisa fazer o dever de casa: o ajuste fiscal. “Não é possível que a União e os governos estaduais gastem mais do que arrecadam”, ponderou.

Para Pratini, é fundamental que seja facilitado o financiamento para a produção de produtos para exportação e para os importadores de bens duráveis e equipamentos para a indústria produtora nacional. O presidente da AEB disse que a exportação é, neste momento, mais do que nunca, um instrumento importante para atrair reservas que garantam a estabilidade econômica e o desenvolvimento do país. Neste contexto, segundo ele, a redução das taxas de juros é necessária.

O presidente da AEB disse que o setor não tem a pretensão de estimar níveis ideais de desvalorização do câmbio. Pratini disse apenas que, se o governo criar o mecanismo automático de compensação de pagamento de impostos para as exportações e garantir financiamentos a baixos juros para o setor, não será necessária desvalorização acima dos 12% a 15% prevista para este ano. A AEB vai rever todos os estudos sobre as projeções da balança para este ano porque o cenário de instabilidade inviabiliza qualquer estimativa, segundo Pratini.